

OS MENINOS DE RUA E A QUESTÃO DA CIDADANIA

Yara Dulce Bandeira de Ataíde

Profa. Adjunta da Universidade do Estado da Bahia

A sociedade brasileira pretende estar assentada sobre os pilares da democracia, tendo como fundamento, entre outros pressupostos, o respeito à cidadania e à dignidade da pessoa humana dos seus participantes.

A nossa realidade, porém, é bastante diversa da teoria e da intenção da constituição vigente, que se propõe a assegurar a construção de uma "sociedade livre, justa e solidária e a promover o bem estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação." (Art 30-IV).

A constituição de 1988, com todo seu denso conteúdo humanístico, não obstante ter colocado a promoção do homem no centro da sua preocupação social, ainda não conseguiu, contudo, atingir plenamente este objetivo. No que diz respeito ao segmento das crianças carentes, ainda há muito por ser feito no sentido de outorga e garantia dos seus direitos à cidadania.

O Estatuto da Criança e do Adolescente é uma tentativa de ratificar esses direitos. Ele busca a melhoria das condições aviltantes de vida desta infância e adolescência, que nos interpelam e inquietam a todo momento, em todos os lugares públicos da cidade, cobrando-nos uma solução para o seu estado de abandono. Se todos os segmentos da sociedade não se conscientizarem da gravidade e extensão do problema, e se não se dispuserem a saná-los nos seus diversos níveis, a legislação e a ação avulsa dos cidadãos será um remédio ineficaz, sem força curativa para tão grande problema social.

A meta fundamental do Estado deve ser a promoção dos meios para que todos os indivíduos tenham assegurados os seus direitos e deveres de cidadãos. Tal condição só é atingida quando o homem, e, em especial, a criança, têm todos os seus direitos humanos básicos garantidos e exercidos na vida cotidiana.

São direitos sociais assegurados pela Constituição; "*a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância*"

(Art. 6º). Com o objetivo de melhor esclarecer estes direitos, quando aplicado à criança e ao adolescente, a lei 8069 de 13/07/90 assegura, no seu artigo 3º: *“a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata essa lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de se lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade”*.

O Estatuto da Criança e do Adolescente continua, no seu artigo 4º: *“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”*.

Diante da flagrante contradição entre a legislação e a realidade, com a presença cada vez mais numerosa de meninos vivendo nas ruas e expostos a todos os riscos sociais, resolvemos realizar uma pesquisa com os “meninos de rua” de Salvador, para avaliar, discutir e divulgar as suas precárias condições de vida, e a visão que eles têm do mundo em que vivem.

A PESQUISA E SEUS RESULTADOS

Com o objetivo de dar voz a este segmento social silenciado pela conjuntura histórica adversa, realizamos uma pesquisa de história oral de vida das crianças de rua de Salvador, cujos resultados aqui apresentamos de forma reduzida e compactada, pois a pesquisa, na sua íntegra, encontra-se publicada em livro.

Entrevistamos 121 crianças e adolescentes entre 10 e 13 anos de idade. Durante os contatos com os entrevistados, descobrimos neles, muitas vezes, facetas manifestas ou ocultas surpreendentes, marcadas pela coragem e beleza da fantasia infantil, apesar do processo de supressão da infância e segregação social a que estão submetidos. Este sentimento de segregação e rejeição é expresso com muita precisão por Elito, 11 anos: *“Eu pediria às pessoas que dessem mais carinho à gente ... que olhassem nós como crianças ... não somos cachorros perdidos ...”*

Outras vezes, em contra-ponto com a parte infantil, revela-se nestas crianças uma dimensão adulta, amarga e contrastante, marcada pelas experiências da vida dura e sofrida nas ruas. Há uma sensação constante de perda que as coloca sempre em estado de prontidão, preparadas para os confrontos que podem ocorrer a qualquer instante, com qualquer um dos segmentos sociais que lhes são hostis. Por isso, quase sempre, esses meninos são destemidos, agressivos e defensivos, embora só tenham a defender suas próprias vidas vazias e suas verdades intuitivas. Esses meninos costumam ser assumidos e corajosos, mesmo quando optam pela violência: *"Na rua não tenho medo de nada, enfrento tudo: polícia e bandidos, eu só tenho medo de cobra. É errada a polícia e é errado o ladrão ..."* (Ney, 10 anos)

Na sua batalha pela sobrevivência, esses meninos conseguem captar com surpreendente intuição, e distinguir, com rara perspicácia, as múltiplas facetas do mundo circundante, das suas realidades polimorfas e do jogo de intenções das pessoas que os cercam. Embora incapazes de elaborar conceitos abstratos e complexos, desenvolvem com muita profundidade a intuição e o instinto de defesa. Por isso tendem a tornar-se auto-suficientes, conservando, porém, a consciência de que são crianças.

"Tem horas que sei que sou criança, mas tem horas que quero crescer logo e arrumar um trabalho para sair desta vida e ser logo homem..." (Bolo-fofo, 11 anos)

O objetivo primordial desta pesquisa foi resgatar a história de vida dos entrevistados, razão pela qual procuramos, por todos os meios, dar condições ao entrevistado para falar sobre suas experiências, idéias e relações pessoais ou sociais ligadas ao seu universo real, imaginário e simbólico.

Por sentirem-se opressiva e violentamente alijados da sociedade, os meninos de rua a percebem de forma tão própria e surpreendente, apesar da sua pouca idade e nenhuma cultura escolar. Nesta dialética de opostos, a constatação faz-se de forma pessoal e criativa, destacando-se a profunda consciência da realidade que têm estes meninos. É a escola da vida suprimindo a falta da vida na escola, embora a um custo infinitamente mais alto e mais cruel.

Considerados, em geral, como delinquentes que roubam, agredem e se drogam, estas crianças são, sob certos aspectos, muito semelhantes às outras crianças da sua faixa etária. As suas virtudes ou vícios são frutos da aridez da vida sem rumo nas ruas e das carências básicas que enfrentam.

Zeli, 12 anos, dá-se conta desta semelhança quando afirma:
"Meus companheiros aqui da rua não são diferentes dos outros meninos. Acho que todos "tão" querendo a mesma coisa que eu... cada um tem sua cabeça e quer sua melhora... esse pessoal daqui das ruas não é diferente dos outros... é a mesma coisa, sofredor igual a todos..."

Os depoimentos, na sua singeleza e sinceridade, através de um vocabulário próprio, retratam muito da visão de mundo que possuem essas crianças, um mundo que, teimosamente, elas tentam decifrar e conquistar: *"O problema da minha vida é o jeito que eu tenho que dar no meu futuro prá não levar uma vida de bandido..." (Almiro, 13 anos)*

"Acho meu futuro incerto... não sei o que vai ser da minha vida... porque, meninos como eu, que vivem na rua, sem estudo, sem nada, não podem esperar nada da vida... só não quero é ser marginal, ser preso... qualquer trabalho me serve..."

É no desejo de ter um futuro, de ser cidadão, e, principalmente, encontrar soluções para seus problemas, que esses meninos mostram muita determinação e muita sede de viver. Esperança e desespero, agressividade e afeto, constatação do irreversível e consciência de sua impotência social, são os ingredientes básicos do perfil do menino de rua, cuja infância foi subtraída e a quem nada é oferecido, e de quem quase tudo é tomado.

Suas próprias vidas e sua subsistência ficam diretamente condicionadas à sua agilidade e esperteza. *"Quando tenho fome primeiro eu "pido" um trocadinho e se não me dão o dinheiro que preciso pra comer, aí eu tomo ele na "marra"... (Fafá, 11 anos)*

Em contrapartida, Zé, 13 anos, mestiço claro - mais por anemia do que por miscigenação - assume uma posição contrária à de Fafá: *"Eu nunca peguei nada dos outros, juro!... e nunca quero pegar!... quero levar uma vida limpa e arranjar um trabalho decente. Não quero me sujar!... nunca!..."*

Conforme os dados levantados, dentre os entrevistados, 18,18% tinham 10 anos; 26,44% tinham 11 anos; 19,00% estavam na faixa dos 12 anos; 36,36% tinham 13 anos.

Neste grupo, a maioria absoluta era do sexo masculino: 93,38% de meninos contra um contingente de apenas 6,61% de meninas.

Explica-se esta predominância de meninos na rua, a nosso ver, pela decorrência do hábito de distribuição de tarefas na família em função do sexo, cabendo aos meninos os trabalhos e atribuições externas e às meninas, as tarefas domésticas, tais como ajudar a mãe a cuidar da casa e dos irmãos menores. Isso, ao lado de outras razões, antecipa a ida dos meninos para a rua em busca de recursos para a sobrevivência, e, ao mesmo tempo, cria facilidades para que eles fujam ou se afastem mais precocemente de casa.

As crianças entrevistadas eram, na maioria, de cor parda, correspondendo a 48,40% da amostra pesquisada. Os negros correspondiam a 37,19% dos entrevistados; 8,26% eram brancos, e apenas 6,15% das crianças não tiveram a sua cor objetivamente assinalada pelo entrevistador, nem referida pelo entrevistado. Isso mostra claramente que há uma forte relação entre ser negro ou pardo e ser menino de rua. O que reflete a maior pobreza entre a população negra e parda de Salvador.

Segundo as estatísticas oficiais, no perfil demográfico das crianças e adolescentes da região metropolitana de Salvador, há um predomínio da cor parda e preta, representando 82,00% da população, sendo os pardos um contingente de 67,00%, e os negros 15%, enquanto os brancos situam-se em torno de 18,00%.

Esta maior concentração de pardos e pretos neste grupo marginalizado é resultado das próprias características históricas do país, onde a etnia e a cor estiveram sempre ligadas às condições econômicas e sociais. Negros e pardos ainda trazem consigo a pesada herança de preconceitos originários do regime escravocrata, cujas seqüelas, discriminações e injustiças sociais, reforçadas pelo capitalismo atual, ainda os mantêm subalternos ou marginalizados, enquanto reafirmam os privilégios das elites brancas.

UM ÁLBUM DE FAMÍLIA E SEUS CLICHÊS

A pesquisa detectou uma estreita relação entre a estruturação da família, o tipo de relação familiar e o equilíbrio emocional e social da criança. (Tabela I) Quando a família é estruturada em torno das figuras materna e paterna e as relações entre seus membros são sadias e amistosas, as crianças mostram-se equilibradas, responsáveis, como membros do grupo familiar, e participam ativamente na manutenção da casa, graças ao seu trabalho nas ruas.

TABELA I

TIPOS DE FAMÍLIA E RELAÇÃO MANTIDA PELOS ENTREVISTADOS COM A MESMA

TIPOS DE FAMÍLIA	TIPOS DE RELACIONAMENTO							
	PERMANENTE		OCASIONAL		AUSENTE		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
PAIS LEGÍTIMOS	31	25,62	9	7,44	4	3,30	44	36,36
PAI E MADRASTA	3	2,48	2	1,65	4	3,30	9	7,44
MÃE E PADRASTO	14	11,57	4	3,30	2	1,65	20	16,53
SÓ MÃE	28	23,14	2	1,65	1	0,83	31	25,62
SÓ PAI	2	1,65	2	1,65	-	-	4	3,31
ÓRFÃO, RESIDINDO COM PARENTES	2	1,65	-	-	2	1,65	4	3,31
SEM FAMÍLIA	-	-	-	-	9	7,43	9	7,43
TOTAL	80	66,12	19	15,70	22	18,18	121	100,00

Os meninos que vivem com a família, na sua grande maioria, estudam e/ou usam a outra parte do seu tempo para buscar na rua o próprio sustento ou da família. Têm relação afetuosa com os pais e, se não sofrem violência por parte deles, têm um grande sentimento de pertença familiar, defendem heroicamente o núcleo parental e tudo fazem para contribuir efetivamente para a melhoria da mesma. Do total dos entrevistados, 25,62% convivem neste contexto doméstico básico, cujos pais legítimos, apesar das dificuldades econômicas, conseguem manter o grupo familiar coeso. Muitas vezes, estas crianças sustentam pais desempregados e doentes, mas, apesar de todas as dificuldades, são socialmente ajustadas, evitam o uso de drogas e encaram a vida e o futuro com razoável otimismo.

Entretanto, 10,74% dos meninos entrevistados, apesar de terem pais legítimos vivendo juntos, afastam-se das famílias para viver nas ruas. Dentre estes, 7,44% têm apenas contatos ocasionais e 3,30% afastaram-se definitivamente de casa. Este afastamento ocorreu como forma de livrarem-se da violência dos pais ou irmãos maiores. O afastamento da família dá-se quando a criança habitualmente é vítima de violência, por parte dos pais ou irmãos ou, então, quando sofre exagerada exploração do seu trabalho e é espancada quando não leva alimento ou dinheiro suficiente para casa. Quando o ambiente familiar torna-se insuportável, a criança não resiste a essas pressões e violência e faz a opção do abandono da família.

Tutuia, 11 anos, revoltado contra o comportamento do pai assim descreve a sua violência: *"meu pai é vigilante e cachaceiro... bebe muita cachaça e fica violento; bate em todo mundo em casa e depois que come "apaga" e vai dormir e só assim a gente tem sossego..."*

A mesma pressão e violência é explicitada pela mãe de um dos entrevistados, quando o ameaça: *"Se você não trouxer nada pra comer até de noite, vai "levar pau"!..."* (Joca, 11 anos)

A separação dos pais e as posteriores uniões de ambos - quase sempre efêmeras - constituem outro grande problema para estas crianças. Quando ocorre a separação dos pais, se a mãe permanece só, mas continua a proteger e a manter uma boa relação com sua prole, ela encontra, por parte dos filhos, uma participação efetiva na ajuda e colaboração no orçamento familiar, bem como na divisão das tarefas domésticas. Muitas vezes, os irmãos unem-se para sustentar a mãe, quando esta se encontra desempregada. Mesmo com o afastamento do pai, ela consegue manter a família unida, e o trabalho dos meninos na rua supre, em parte, a falta de apoio financeiro do pai ausente.

Outras vezes, o pai que se afasta já estava desempregado ou não trabalhava, e o ganho dos meninos na rua já estava integrado ao orçamento familiar. O grupo que se enquadra nestas características é constituído por 25,62% do total de meninos pesquisados, dos quais 23,14% continuam em casa, residindo com a mãe.

A figura da mãe é tão importante na família que, mesmo separando-se do marido e estabelecendo uma outra relação conjugal, se o padrasto for uma pessoa equilibrada e sensata, capaz de ter uma boa receptividade para com a prole anterior, ela poderá manter o novo grupo familiar coeso. Dos 16,52% das crianças cujas mães contraíram novas relações, 11,57% continuam a viver em casa e outros 3,30% afastaram-se parcialmente da família, enquanto apenas 1,65% afastaram-se definitivamente por violência ou maus tratos do padrasto e/ou da própria mãe.

A situação familiar apresenta-se mais adversa para as crianças quando a mãe estabelece sucessivas uniões, ou quando o pai assume a prole e une-se a outra mulher. Dos 7,44% dos casos registrados de crianças morando com o pai verdadeiro e madrasta, apenas 2,48% permaneceram em casa. Os outros 4,95% viram-se forçados a afastar-se de casa, em caráter parcial ou definitivo, em virtude dos maus tratos da madrasta.

"Não tenho mãe. Tenho uma madrasta que é uma peste de ruindade... ela não presta... meu pai me maltrata muito. Quando ele se junta com ela é pior ainda..." (Zeli, 12 anos)

A violência dos pais, padrastos e madrastas contra as crianças não é um problema exclusivo das classes populares. É, contudo, neste contexto que, devido à falta de condições materiais e até de espaço vital nas moradias, a questão adquire maior gravidade. Há, também, outros agravantes, como a instabilidade no emprego, baixa renda familiar e outros fatores estressantes e neurotizantes.

TABELA II

MOTIVOS DETERMINANTES DO AFASTAMENTO TOTAL OU PARCIAL DA FAMÍLIA

MOTIVO	Nº	%
VIOLÊNCIA DOS PAIS	13	31,71
VIOLÊNCIA DO PADRASTO OU DA MADRASTA	15	36,59
MISÉRIA ABSOLUTA	5	12,19
OUTROS MOTIVOS	8	19,51
TOTAL	41	100,00

Dos entrevistados, 31,71% dos meninos declararam ter abandonado a família ou manter apenas contato ocasional com a mesma, em virtude de violência por parte dos próprios pais. (Tabela II)

“Acho que menino que apanha em casa tem que ir prá rua. Quem manda os pais baterem neles?... os pais batem e querem que os filhos fiquem quietinhos, bonzinhos... mas os meninos ficam “retados”, porque ninguém gosta de apanhar!... filho não nasceu prá apanhar e ficar apanhado!... é por isso que os filhos se revoltam e vão prá rua e nunca mais voltam pra casa!... (Tito, 13 anos).

Muitos meninos foram abandonados na rua pela mãe ou pai: *“Meu pai me deixou esperando na Unimar e nunca mais voltou...” (João, 11 anos).*

"...minha mãe veio pra Salvador e quando cheguei aqui fugi de casa. Minha mãe me abandonou na delegacia e voltou pra Aracaju... tive que viver na rua..." (Careca, 13 anos).

Os meninos agredidos que saíram de casa, devido aos maus tratos ou sevícia dos padrastos ou madrastas, são em número de 36,59% e vivem na rua, em contato ocasional ou totalmente afastados da família, porque foram compelidos a deixar a casa por absoluta impossibilidade de conviver com a violência dos familiares.

"Minha mãe se juntou com um outro homem danado de ruim. Ele batia muito na gente e nela também, até que um dia ele brigou comigo e me deu um tiro nas costas..." (Ramos, 10 anos).

Dos outros 19,51% de casos de crianças vivendo e dormindo na rua, há órfãos e meninos que vivem nas ruas do Centro da cidade, em companhia da mãe e irmãos, por não terem onde morar. Os outros justificam o afastamento dizendo que houve uma dissolução total da família e que o desemprego, a falta de espaço e de comida no barraco e ainda o afrouxamento dos laços afetivos estimularam a saída, porque na rua sempre se consegue comer, nem que sejam restos..."*minha mãe disse que é melhor dormir na rua do que vir prá casa comer o que não tem..."* (Joca, 11 anos).

Há um visível esforço dessas crianças para reunirem-se às famílias, e a maioria delas valorizou muito a família como instituição e fonte de afeto, apoio e proteção. Pais e filhos desempenham papéis importantes nas vidas dos meninos, mesmo quando rejeitados. O que mais aparece nos seus depoimentos é o desejo de "ter uma casa" e restaurar ou reagrupar a família.

No decorrer da pesquisa, avolumam-se testemunhos emocionantes e contundentes em que os meninos expressam a consciência da sua impotência e pobreza, das suas carências, das suas necessidades e do desejo fraterno e responsável de ajudar o grupo com o qual convivem nas ruas:

"meu problema é dinheiro... me preocupo com minha mãe mas, também, quando eu crescer quero ajudar os meninos que já estão na rua. Ajudar, conversar com eles, fazer uma casa prá eles... é porque eu tô pequeno ainda, pô!... mas quando eu crescer, vou ajudar minha família e todo mundo!..."

ESCOLA: MEU BEM, MEU MALI...

Nem sempre estas crianças conseguem vaga nas escolas. Mas, quando conseguem, em geral, costumam ser mal adaptadas ao ambiente escolar, e o rendimento nos estudos é sempre ruim, levando a um rápido desinteresse que, não raro, culmina com a evasão escolar. Eles são reprovados sucessivamente e terminam saindo da escola sem terem aprendido nada além de rabiscar o próprio nome. É este fracasso escolar que, juntamente com os outros fatores que temos visto, vai comprometer o futuro desses meninos, na medida em que não os qualifica profissionalmente.

Os professores das escolas públicas são desmotivados pelas condições inadequadas de trabalho nas suas classes superlotadas, nas quais falta tudo, desde o material didático, a preparação técnica e as reciclagens, até o respeito humano pela sua condição de pessoa. Por outro lado, os programas são extensos e obsoletos, e fazem com que os alunos sintam-se estranhos no ninho, e a escola nada tenha a ver com a vida cotidiana dos meninos que a frequentam.

Com raras exceções, as professoras são severas e exigentes, distantes, hostis e emocionalmente despreparadas para o exercício do seu papel e pautam a sua conduta à base de castigos, repreensões e rejeições. As professoras tornam-se temidas, e os meninos revidam as hostilidades com agressividade e indiferença ao estudo e à escola.

Há um número significativo de meninos que têm recordações negativas das suas professoras, dos castigos que elas lhes infligiram ou das agressões verbais de que foram vítimas.

"Nunca perdi nenhum ano, mas minha professora dizia que eu era besta e retardado"... (Ramos, 10 anos).

"Larguei os estudos porque a professora puxou a minha orelha... aí eu me zanguei e empurrei ela... ela caiu de mal jeito, sentada em cima da merenda de um guri!..." (Luiz, 11 anos).

Nada do que a "escola da vida" ensinou a esses meninos é levado em consideração pela escola tradicional. A professora transmite aos seus alunos, implícita ou explicitamente, a desalentadora mensagem de que eles são incapazes de aprender, e que ela está ali perdendo tempo e que tudo que está

acontecendo ali é uma grotesca farsa didática, com o beneplácito do governo. Os alunos captam esta metamensagem e desistem de continuar tentando levar adiante as suas tentativas de escolarização. Acabam por aceitar o fracasso que os marginalizará, tolhendo-lhes as oportunidades de uma vida melhor.

A crise econômica, que aumenta a cada dia e agrava ainda mais os problemas sociais, concorre, também, para reduzir a permanência da criança na escola, pois ela precisa ir às ruas para defender o incerto pão de cada dia.

Jurandir, 11 anos, falando sobre as razões da sua evasão escolar diz: *"Já estudei, mas larguei logo na segunda série. Sei ler e escrever um pouquinho. Quando eu estudava, minha mãe dizia na escola que eu estava doente e não podia ir prá aula. Ela fazia isso para que a escola me dispensasse prá eu ficar livre para fazer as coisas para ela ou ganhar uma graninha nas ruas prá ajudar a comprar comida prá nós..."*

Dentre as crianças entrevistadas, 81,00% já tinham frequentado escola, mas só 34,69% dos 121 meninos ainda permaneciam nela. A maioria abandonou os estudos ainda no primeiro ano, e um grande número dos que ainda estão matriculados continuam frequentando o primeiro ano. Apenas 19,00% dos meninos ouvidos nunca estiveram na escola. Percebe-se a absoluta incapacidade da mesma para promover a alfabetização e a progressão escolar desses meninos. A grande maioria deles permanece num limbo situado entre a primeira série e a evasão.

A escola trata desigualmente as classes sociais e acaba produzindo mais fracassos que sucessos, à medida que educa e instrui a minoria privilegiada e exclui e marginaliza as classes pauperizadas, agravando e reforçando as desigualdades sociais. A grande injustiça social reside justamente no fato de que são essas crianças que mais precisam da escola para melhorar de vida.

Há que se pensar, profunda e responsavelmente, sobre o dilema e o sofisma educacional da nossa escola pública, porque ela é uma instituição injusta e anti-democrática, à medida que reforça o sentimento de fracasso e exclusão social dos menos favorecidos.

"Não sei o que vai ser da minha vida... porque meninos como eu, que vivem na rua, sem estudo, sem nada, não podem esperar nada da vida..."(Flávio, 12 anos).

Os poucos meninos que conseguiram chegar à 3a. ou 4a. série, afirmam que sabem ler e escrever muito pouco e que a escola, embora muito necessária, não tem desempenhado o papel esperado por eles, nem exerceu nenhuma influência especial na formação pessoal e no desenvolvimento de suas vidas. Reconhecem, contudo, que a escola pode “dar futuro” ou “fazer a gente importante”, afirmam eles.

Apesar de tudo, 50% dos meninos que frequentam escola, recordam-se com alegria da mesma, consideram importante a merenda escolar e falam com carinho das professoras.

“Já estive na escola... acho importante saber ler e escrever e ter estudo para poder ter um bom trabalho... a escola era boa... tinha uma merenda boa e gostosa... minha professora era boa pessoa e tratava a gente bem...” (Almiro, 13 anos).

Em resumo, há um consenso entre os meninos de que é preciso ir à escola e, pelo menos, aprender a ler e escrever. Consideram fundamental a frequência à escola e a formação profissional para terem futuro e conseguirem um bom trabalho. Quase todos desejam voltar à escola, porém aspiram que as professoras sejam mais humanas e amistosas, porque a escola é considerada pela maioria dos meninos como o meio que permite a ascensão social, a melhoria de vida e o acesso aos empregos mais qualificados e mais bem remunerados.

UMA PROLE SEM ABRIGO, SEM GRANA, SEM NADA!...

Quase todos os meninos entrevistados são oriundos de famílias de prole numerosa, constituída por uma média de 5 a 7 irmãos, quase todos menores de idade e, na maioria, mais jovens do que o próprio depoente. Registramos, também, famílias com 9, 11 e até 15 filhos. As dificuldades para prover a todos e para abrigá-los em exíguos e míseros barracos, gera uma verdadeira diáspora em alguns casos.

Praças, bancos, viadutos e marquises, coabitados por amigos e colegas de infortúnio e miséria, são, muitas vezes, considerados pelos meninos como lugares mais convidativos e hospitaleiros do que a própria casa.

Entre os entrevistados, 29,75% não têm onde morar, 70,24% vivem com familiares, mas nem consideram como “casa” o lugar onde vivem, por se tratar apenas de um pequeno quarto ou barraco de um vão só.

Este estreito espaço, em geral, constituído por uma única dependência, tem de 10 a 12 metros quadrados e abriga famílias numerosas, em média, de 7 a 9 pessoas.

"Minha casa é um quartinho de bloco. Dorme todo mundo junto. Tem duas camas. Em uma dorme eu e mais quatro irmãos e na outra dorme meu pai, minha mãe e minhas três irmãs..." (Lauro, 11 anos).

As casas de bloco (36,36% dos casos) são construídas de forma muito rudimentar, em geral, pelos próprios moradores. Estas habitações têm, em média, de uma a três dependências: dois quartos e uma sala, muito pequenos, e 43,78 não dispõem de banheiro. Dessas moradias, 19,00% também não dispõem de água, e a sua totalidade não possui esgoto.

Dos outros meninos entrevistados, 24,79% vivem em casas de taipa, com uma média de duas dependências. Apenas 7,43% destas moradias possui o que se poderia considerar um tipo improvisado de banheiro e que consiste, na realidade, na sua forma mais primitiva, num cubículo com paredes de tábuas e com um buraco razo cavado no chão. Poucos banheiros dispõem de uma latrina com fossa e chuveiro com água encanada. Os poucos que existem, consistem em dependências isoladas do corpo da casa e são, em geral, de uso comunitário, e, muitas vezes, utilizados por mais de 10 famílias, ou uma viela inteira da favela.

Um terceiro tipo de habitação citada é o barraco construído de madeira, sem as mínimas condições de segurança. São em número de 9,09% e têm, em média, 2 dependências. Só 1,65% desses barracos têm o tipo improvisado de banheiro já descrito.

São, portanto, apenas 26,43% de casas com banheiro, mas, na sua maioria, sem água encanada e sem esgoto, e se contrapõem a um total de 43,78% de unidades residenciais sem banheiro.

PROFISSIONAIS DA MISÉRIA

Do total de profissões exercidas pelas mães dos entrevistados, 29,72% são lavadeiras; 27,02% empregadas domésticas; 8,10% faxineiras e 5,40% biscateiras. As demais profissões apresentam-se diluídas em percentuais menores.

O quadro não é diferente em relação à profissão paterna. Os pais estão divididos em grupos que exercem atividades regulares, porém de baixa remuneração, como soldado, gari, zelador e profissões não qualificadas ou sub-empregos diversos, tais como biscateiros, cambistas de jogo de bicho, vendedor ambulante, etc.

Pouco mais da metade dos informantes, 54,55%, declararam as profissões do pai e da mãe porque vivem com ambos. Os outros 45,45% deles são meninos criados sem a presença do pai, por morte prematura do mesmo ou separação do casal, e a família encontra-se desestruturada, tendo a mãe assumido, também, o papel paterno, ou se unido a outro homem.

Vê-se, através das próprias atividades referidas, que estamos diante de um segmento social cujas opções profissionais são extremamente precárias. Trata-se de um grupo entregue à própria sorte e que, devido à falta de habilitação profissional adequada e à falta de espaço no mercado de trabalho, é condenado a flutuar instavelmente nas faixas de remuneração mais baixas e incertas da força de trabalho, ou a padecer no limbo do sub-emprego e/ou marginalizar-se, mergulhado no inferno do desemprego. São indivíduos sem perspectivas de cidadania e que não têm como investir na própria família, arrastando consigo seus descendentes, inevitavelmente condenados à mesma marginalidade social que os estigmatiza.

São as condições desumanas de vida desses adultos que, na maioria das vezes, dão origem ao processo de vitimização e absoluta falta de perspectiva a que estão submetidas as crianças das classes populares. Esses adultos, por não terem condições materiais mínimas para cuidarem nem de si mesmos, não conseguem, também, proteger a própria prole dos riscos a que ela está submetida.

SOBREVIVÊNCIA COM ENGENHO E ARTE

Todos os meninos estão conscientes de que do seu desempenho na rua dependerá o pão daquele dia, que ele freqüentemente repartirá com a família.

TABELA III

**ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ENTREVISTADOS COMO
FORMA DE SOBREVIVÊNCIA**

ATIVIDADES	Nº	%
VENDEDOR AMBULANTE	14	11,57
LIMPADOR DE PÁRA-BRISAS	19	15,70
CARREGADOR DE COMPRAS NOS MERCADOS	26	21,49
GUARDADOR E/OU LAVADOR DE CARROS	12	9,92
GUARDADOR DE CARRO, VENDEDOR AMBULANTE E CATADOR DE PAPEL	4	3,31
LIMPADOR E GUARDADOR DE CARRO E CARREGADOR DE COMPRAS NOS MERCADOS	10	8,26
VENDEDOR AMBULANTE E CARREGADOR DE COMPRAS NOS MERCADOS	6	4,96
PEDINTE	21	17,35
OUTROS	9	7,44
TOTAL	121	100,00

Dos entrevistados, 21,49% passam os dias próximos aos supermercados e locais de comércio e abastecimento. Sobrevivem das gratificações que recebem como "carregadores de compras", transportando os pacotes de mercadorias até o carro dos compradores, até o ponto de ônibus mais próximo, ou até mesmo à casa das pessoas que residem nas vizinhanças do mercado.

A segunda atividade mais praticada é a de “pedinte”. O garoto pede dinheiro, comida, roupa, ou qualquer outro tipo de ajuda. Este grupo corresponde a 17,35% dos pesquisados.

Nas sinaleiras, rótulas e cruzamentos, 15,70% dos meninos trabalham como limpadores de pára-brisas, disputando avidamente com os colegas a limpeza dos vidros dos carros e enfrentando a rejeição de uma grande parte dos motoristas.

Outros frequentam estacionamentos e locais públicos, onde podem lavar ou vigiar carros. Consideram-se “lavadores e guardadores de carros” e correspondem a 9,92% dos depoentes na pesquisa.

Muitas crianças realizam diversas atividades associadas, a depender do turno de trabalho, dos dias da semana e dos locais de trabalho. Temos assim:

a) - 8,26% de meninos que são limpadores de pára-brisa, guardadores de carro e carregadores de compras nos mercados.

b) - 4,96% são carregadores de compras e vendedores ambulantes nos fins de semana.

c) - 3,31% são guardadores de carro, vendedores ambulantes e catadores de papelão.

Um único menino declarou ter como atividade principal o roubo.

São 28,92%, entretanto, os que afirmam roubar como atividade complementar. Primeiro realizam as tarefas habituais pertinentes ao seu trabalho e, só após, caso a fêria não tenha sido suficiente para comprar a comida do dia, quando moram sozinhos, ou a comida para levar para casa, quando moram com a família, é que recorrem ao roubo complementar.

A maior parte dos meninos que vive com a família não rouba nem toma drogas, tem desprezo pelos que cometem tais ações e considera esses meninos infratores como um grupo diferenciado do seu, constituindo o grupo dos pivetes.

Mico, 12 anos, no decorrer do seu depoimento define o seu conceito de pivete: “*Pivete é aquele que rouba relógios, “bate” carteiras, cheira cola e abusa dos guris. Nós, não!... A gente é honesto e trabalha!...*”.

A responsabilidade perante o grupo e a preocupação com a censura da família funcionam como estímulo para uma conduta capaz de impedir ou retardar a transposição das barreiras da transgressão. Em nenhum caso ficou constatado que a família tivesse incentivado diretamente qualquer ato deliquencial dos entrevistados, embora pudesse ter influenciado, indiretamente, através de maus exemplos ou através da ameaça de castigos severos e da exigência de uma participação compulsória da criança na renda familiar, acima da sua capacidade de ganho ou produção.

É importante que se compreenda, a nível do imaginário e do código de ética desses meninos, a nítida distinção que eles fazem entre seus pequenos furtos de sobrevivência e os roubos dos ladrões profissionais. Para eles, seus furtos estão sempre voltados para a satisfação de necessidades vitais imediatas, tais como comer ou comprar algo indispensável. Não há intenção de acumulação, usufruto, enriquecimento ou negociação com o produto desses furtos.

Os meninos que roubam, na sua maioria, não usam armas; mas, 34,28% deles já usaram facas, estiletes ou similares, e somente 5,71% já usaram revólver. Alguns usam a mão, com um dedo estendido, escondido sob a camisa para fingir ser uma arma oculta. Um desses meninos assim descreve a sua experiência: *"Uma vez assaltei um otário com um revólver de verdade, que arranjei com um pivete de Itapoan. Nos outros assaltos, usei o truque de botar a mão em baixo da camisa prá fingir que estava armado..."* (Luiz, 11 anos).

Por estarem socialmente desprotegidos, por terem pouca idade e estarem inseridos na dura realidade da vida nas ruas, esses meninos estão expostos a todos os riscos sociais e têm de defender a própria integridade física e moral sem estarem devidamente preparados para isso. Esta situação os expõe a traumas, que deixam seqüelas e criam mecanismos alternativos de adaptação, que desenvolvem barreiras intransponíveis entre este grupo e as instituições sociais. Este tipo de interação perversa é capaz de gerar antipatia e medo recíproco, dificultando as possibilidades de integração e cooperação entre os dois grupos.

MEU FUTURO A DEUS PERTENCE!...

É com imaginação e muita ousadia que esses meninos insistem em ter um futuro, uma profissão: 18,18% deles querem ser militares, porque vêem nesta profissão a representação da força e do poder, ou porque ela poderia oferecer-lhes condições de vingança e imposição de respeito e autoridade.

“... quero estudar, ser soldado e voltar prá Crato prá matar os soldados que mataram minha família... não quero ser pistoleiro, porque pistoleiro mata e vai preso e soldado mata e fica solto...” (Miro, 10 anos).

Em segundo lugar situam-se duas profissões muito desejadas pelos meninos: motorista e médico. Assim, 13,22% dos meninos desejam ser motorista porque se sentem importantes dirigindo um símbolo atual de força e poder, como o carro, o caminhão ou um ônibus. Valorizam esta profissão em função dos salários que consideram altos, ao tempo em que acham esta atividade de mais fácil acesso porque ela exige pouco estudo. Outros 13,22% preferem ser médicos porque acham a profissão bonita e nobre por estar voltada para a cura e a salvação de vidas.

Compartilhando das dificuldades e ideais das classes populares, os desejos desses meninos são muito simples e as suas ambições limitadas e compatíveis com o contexto das viabilidades que o sistema oferece a essas classes menos favorecidas social e culturalmente. Outros 7,43% desejam ser mecânicos, 4,95% pretendem ser operários 6,60% dividem as preferências entre jogador de futebol e vendedor ou barraqueiro.

Sonhar, porém, e viajar rumo a um futuro incerto e talvez inatingível é um direito do qual esses meninos não abdicam. Tão habituados estão a serem despojados e reprimidos nas suas demandas, que até nos seus sonhos mantêm-se coerentes e submissos à realidade castradora em que vivem, e terminam por utilizar, na construção destes sonhos, a sucata das esperanças que restaram da sua vida real.

EXPERIÊNCIAS SEXUAIS

O cotidiano dos meninos de rua é, desde muito cedo, marcado pela presença de estímulos sexuais promíscuos, que favorecem a antecipação de sua sexualidade, através da repetição desses modelos sexuais, a cuja influência estão submetidos precocemente.

Dos meninos que participaram da pesquisa, 47,10% já tiveram experiências sexuais. Muitos têm vida sexual regular e até usam o sexo como meio de ganho para a sobrevivência. Alguns foram violentados sexualmente e contam experiências traumáticas de sevícia por parte de adultos, familiares e policiais.

Marita, 10 anos, envergonhada e cabisbaixa, relutou em revelar o que considerava uma coisa muito vengonhosa e chocante na sua vida. Fugira de casa porque, certa vez, aproveitando-se da ausência de sua mãe, o padrasto a estuprara e insistia, a partir daí, em manter relações sexuais com ela.

Um número significativo de entrevistados, ou seja, 34,71% afirma, porém, ainda não ter tido experiências sexuais, embora a atividade sexual seja uma realidade muito corriqueira na sua cotidianidade. Não raro, esses meninos são despertados muito cedo para a questão, em virtudes de observarem de perto relações sexuais entre os pais. A pesquisa registrou inúmeros casos de experiências traumáticas neste sentido:

Marcos, 13 anos, relata a sua experiência em casa: *"Meus pais batiam muito em mim e meu pai gostava de ter sexo na frente da gente... mandava a gente ficar olhando e depois esmurrava e dava pontapé na minha mãe. Por isso fugi de casa..."*.

No universo pesquisado, foram detectados poucos casos de prostituição. Isto se explica pela baixa presença, nas ruas, de entrevistadas do sexo feminino - apenas 6,61% do universo pesquisado - mas, sobretudo, em função da baixa faixa etária selecionada para a pesquisa. É sabido que a prostituição feminina apresenta sua maior incidência em torno dos 14 a 15 anos de idade.

Outras pesquisas, abrangendo faixas etárias mais altas do sexo feminino, revelam incidências significativamente maiores de prostituição entre as meninas de rua. Certamente, mais tarde, essas meninas incluídas na nossa pesquisa constituirão um grupo de alto risco de prostituírem-se, e o número delas que irá

"fazer a vida" nas ruas - ou diretamente nos prostíbulos - tenderá a aumentar sensivelmente, pois há uma correlação estreita entre a incidência da delinquência no sexo masculino e a incidência da prostituição no sexo feminino.

Dentre as nossas entrevistadas, destacamos o caso de uma menina de 13 anos, que, compelida pela fome, costumava pedir restos de comida em restaurantes e, sob pressão dos funcionários, em troca de comida, era instada a ter relações sexuais com eles.

Também foram registrados poucos casos de prostituição e homossexualismo entre os meninos. De um modo geral, foi constatada até uma certa aversão a esta prática sexual. Os meninos referem-se com desdém aos homossexuais e rejeitam este tipo de relação, embora tenham sido registradas experiências eventuais de alguns meninos com este tipo de parceiro. Um contingente de cerca de 10% usa regularmente as relações homossexuais como fonte eventual de renda.

DROGAS E DROGADOS

O uso de drogas entre os meninos de rua, na faixa etária de 10 a 13 anos, existe, de fato, mas não é tão grande como a mídia costuma referir. A pesquisa constatou que os entrevistados que moram com a família, raramente usam drogas; do total de 121 entrevistados, 57,02% da amostragem, afirmam não usar drogas, 28,92% usam habitualmente algum tipo de drogas e 14,04% nada declararam a respeito.

Paulinho, 11 anos, sem constrangimento, assume a sua condição de drogado: "*fumo maconha e cheiro cola. Eu sou um viciado!...*".

Outro menino afirmou: "*Já deixei de tomar droga. Foi assim: eu estava vendo televisão na vitrina de uma loja e aí passou no jornal da televisão que a droga destrói o pulmão e depois a pessoa morre... não quero morrer!...*" (Tito, 13 anos)

VÍTIMAS E ALGOZES

O processo de vitimização a que estão submetidas estas crianças conta com a convivência e participação de nossa sociedade. Cada menino, apesar da pouca idade, traz impressas no corpo e inscritas na mente, marcas de espancamento, torturas de diversos tipos, fraturas, queimaduras por cigarros, cicatrizes de bala ou faca e, principalmente, histórias comoventes de costumeiros confrontos com policiais e seguranças intolerantes, ou transeuntes hostis, nas áreas onde vivem ou circulam.

Dos meninos entrevistados, 12,40% já foram roubados e maltratados por pivetes da sua área ou de outras áreas da cidade, que fizeram incursões no seu espaço; 4,10% foram esbofeteados ou agredidos fisicamente por transeuntes, quando pediam ou tentavam vender-lhes algo; mais 5% foram esmurrados ou tiveram as mãos machucadas pelos vidros dos carros fechados intempestivamente; outros foram feridos ou atropelados quando das arrancadas abruptas dos carros abordados nas sinaleiras.

"Tem motoristas que falam assim: larga isso, seu porra!... eu lhe meto uma bala, seu sacana!..." (Paulo, 10 anos).

Outros 5% dos entrevistados declararam que foram agredidos fisicamente e sofreram torturas de seguranças de alguns dos lugares públicos onde eles circulam e ganham a vida. Registrou-se, também, que outros 5% foram atacados por desconhecidos enquanto dormiam; sofreram espancamentos e tiveram incendiados os seus cobertores ou papelões que serviam de cama, daí resultando queimaduras e outros ferimentos. Há entre eles o espectro do extermínio a amedrontá-los. Nove dos entrevistados conhecem casos de mortes violentas e criminosas entre seus amigos e conhecidos. Outros dez têm informações indiretas, ou seja, pessoas que eles não conhecem pessoalmente mas sabem que foram mortas violenta e inexplicavelmente.

É importante ressaltar que as agressões praticadas contra esses meninos não ocorreram quando eles agrediam ou roubavam, mas, sim, quando eles simplesmente aproximavam-se dos agressores para pedir dinheiro, oferecer serviços ou vender mercadorias.

Até mesmo os trabalhadores mirins, meninos que vão à rua para vender produtos para reforçar o orçamento da família, são vítimas da severa discriminação e da violência indiscriminada que persegue todos os meninos na rua.

Tão cruel quanto a violência explícita merece, também, atenção a violência implícita que se registra quando essas crianças são barradas onde quer que pretendam circular. Frequentemente são expulsas dos lugares públicos, e até mesmo das marquises onde dormem aconchegadas em grupos, em camas improvisadas com pedaços de papelão. Buscam se protegerem, neste acolhimento, do frio inclemente da madrugada, improvisando um lar de “faz de conta” e uma “família de mentira”.

Paralelamente à violência física quantificada na nossa pesquisa, os depoimentos registram, também, um outro tipo de agressão, tão intensa e predatória quanto aquela. São as agressões verbais, que expressam a rejeição, que tantas marcas deixam na auto-estima, e que são dirigidas indistintamente contra todos os meninos que vivem nas ruas. Entrevistamos 121 crianças que, quase diariamente, passam pelo processo perverso e traumatizante de serem, moral e afetivamente, rejeitadas, xingadas, humilhadas, e quase sempre fisicamente maltratadas.

Um dos meninos refere-se à resposta que obteve quando, certa vez, numa praça, pediu dinheiro a uma moça: “*Não tenho dinheiro prá dar prá vagabundo nenhum!... se você quer dinheiro, então vá roubar!...*” (Luiz, 11 anos).

Estas vidas infantis estão pontilhadas de confrontos, a cada instante e em cada esquina, transmitindo a esses meninos a sensação permanente de estarem cercados de inimigos por todos os lados. Alguns deles, à noite, voltam para suas casas, mas poucos encontram carinho e paz no ambiente familiar, pois, não raro, têm de enfrentar em casa os graves problemas decorrentes da desestruturação e violência de uma família desagregada.

Há, contudo, nestas crianças, muito mais apelo afetivo e manifestações de carência do que qualquer outro tipo de sentimento. Entre o medo, a revolta e a esperança, estes meninos vivem à espera de um amanhã menos predatório e mais humano.

“Minha vida melhorava se alguém me levasse prá casa e cuidasse de mim...”(Elito, 11 anos).

OS MENINOS E AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

A acumulação de frustrações sofridas deixam marcas que, transformadas em poderosos escudos, são colocados a serviço do instinto de defesa. Como a maioria dos contatos com a sociedade organizada e com o sistema são traumatizantes e marcados por profundas decepções, na mente dessas crianças difunde-se uma absoluta desconfiança em relação a todas as propostas e intenções das pessoas e das instituições com que convivem. As instituições oficiais ocupam um espaço significativo no imaginário dessas crianças, que trocam entre si informações sobre o que ocorre dentro delas, repassando ao grupo, como forma de testemunho, as suas experiências pessoais.

Quanto ao Juizado de menores, 35,53% dos meninos têm opinião negativa sobre o mesmo; 9,09% declaram ser positiva sua atuação e papel social e 53,37% nada declaram, por não conhecerem ou não terem informações suficientes sobre esta instituição.

"... Nunca estive no Juizado, mas sei que eles pegam menino da rua prá prender e bater..."(Jair, 11 anos)

"... o Juizado é prá quando os pivetes roubarem a polícia levar eles prá lá e dar bolo..."(Dimas, 12 anos).

"Acho a FAMEB muito ruim porque lá espancam os meninos. Nunca estive lá nem quero ir prá lá!... aqui na rua é muito melhor... lá dentro os meninos têm que roubar prá dar as coisas aos caras que ficam tomando conta deles. Os monitores mandam eles roubar prá dividir com eles, lá dentro..."

Um outro menino relata a sua experiência pessoal: *"Conheço demais o Juizado, o CRT e o DCM. Já passei um frio retado lá... Na FAMEB os comissários gostam de pegar a gente e cacetar... é murro, bicuda e tudo!..."(Luiz, 11 anos).*

Dentre os entrevistados, 29,90% têm passagem pela polícia e juizado e afirmam que muitos dos funcionários dessas instituições tiveram pouco tato ou agiram inadequada e agressivamente contra eles.

Há, entre os meninos, uma opinião negativa sobre as instituições. Há, porém, um certo bom senso nestas avaliações, e muitos deles são capazes de fazer distinções e procurar compreender certos procedimentos irregulares de alguns policiais:

“não tenho nada contra a polícia... acho que os policiais são pessoas iguais à gente... cada um tem o seu trabalho... acho que eles ganham pouco e é por isso que se juntam com os ladrões para fazerem coisas erradas...” (Almiro, 13 anos).

Entre os meninos entrevistados, 45,59% não têm passagem pela polícia ou Juizado, entendendo-se a “passagem pela polícia” o estágio intermediário entre a ação repressiva na rua e o encaminhamento ao Juizado. Apenas 24,70% deles não declararam se tiveram ou não algum tipo de passagem por essas instituições.

A polícia, pelo seu caráter repressivo e atuação frequentemente inadequada, é uma instituição muito temida e repudiada. Deste conjunto, 42,14% dos meninos não confiam nela, enquanto 26,44% confiam, e 31,40% do grupo nada declaram a respeito.

DEUS É MEU SENHOR... MAS TUDO ME FALTARÁ!...

É curioso notar que essas crianças atribuem um poder mágico ao futuro, embora elas tenham certeza das dificuldades do presente e da imponderabilidade do amanhã. Na sua religiosidade intuitiva, procuram justificar a bondade divina, projetando nela uma esperança para o futuro, na tentativa de encontrar uma saída para a maldade existente no mundo e tentar explicar, assim, a providência divina. A maioria dos meninos entrevistados considera que Deus lhes reservou um destino, mas que é possível fugir dele, escapar ao pré-estabelecido e vencer este destino. Se isso acontecer e se eles não forem exterminados, haverá um grande milagre e eles poderão vir a ser o que desejam: pessoas decentes, trabalhadores, pais de família, cidadãos comuns com direito à opção de definir a própria vida e o próprio futuro.

Entre os meninos entrevistados, há uma opinião quase unânime de que Deus existe, de que Ele é o Senhor e decide a maioria das coisas. Consideram as religiões, de um modo geral, como positivas e admiram principalmente os padres como pessoas que realizam boas obras, oferecem apoio e ajudam os pobres, em geral, e a eles, em particular.

Filiar-se a uma religião é considerado positivo por 51,23% dos meninos. Eles referem-se aos santos com muita deferência e falam do hábito de rezar e agradecer a Deus. Apenas 4,13% tiveram opinião negativa sobre religião e

44,62% dos entrevistados nada declararam acerca da sua importância nas suas vidas ou da ajuda prestada por alguma Igreja.

GOVERNO E GOVERNANTES

Os meninos entrevistados revelam um nível de informação surpreendente sobre a política e os políticos. Embora possuam uma visão paternalista do governo e considerem que sua função primordial seja cuidar do povo e principalmente deles, os depoimentos revelam lucidez sobre muitos aspectos. Mesmo confundindo os nomes das autoridades ou trocando suas funções e cargos, na maioria das vezes a visão crítica apresentada pelos meninos é pertinente, merecendo uma reflexão do leitor.

É consensual entre os meninos de rua a certeza de que a realidade é desumana mas que o governo contribui decididamente para piorar as suas condições de vida. Apenas 14,04% dos meninos têm opinião positiva sobre o governo e esperam que ele ajude a construir um futuro melhor.

“Se os políticos quisessem ajudar os pobres o pão devia ser público e de graça...” (Tito, 13 anos).

Mais da metade dos meninos nada esperam dos políticos e dos governantes, considerados individualistas e descomprometidos com o povo.

“Eles prometem mas não fazem nada... dizem que vão fazer escolas, creches e dar comida e alegria, mas nada disso acontece...” (Mico, 12 anos).

“Política é uma coisa prá ver se muda o Brasil... mas ela só é um nome, porque os políticos não vão mudar nada!... eles dizem ao povo que vão dar o mundo ao povo... mas na hora que ganham a eleição não pensam mais no povo, vão pensar em ficar ricos... ganhar dinheiro, fazer tudo só prá eles!...” (Almiro, 13 anos).

Ao encerrar a entrevista, Gera, 12 anos, olha a entrevistadora fixamente nos olhos e diz sorrindo carinhosamente:

“gostei de falar com a senhora. Espero que a senhora conte na televisão tudo que falei, prá todo mundo poder se ajuntar: a polícia, as pessoas, as mães, os amigos... espero

que eles possam fazer alguma coisa pela gente, pra deixar de existir espancamento e ficar todo mundo unido ...”

Jurandir, 11 anos, encerra a sua entrevista, valorizando o trabalho da equipe de pesquisa dizendo:

“Quero dizer mais uma coisa: gostei de conversar com você. Achei bom você se preocupar com a gente... com esses meninos que andam por aí... sem rumo, roubando... quero dizer obrigado prá você aí, porque fez uma coisa que pouca gente faz: deu importância prá mim!...”

HAVERÁ UM FINAL FELIZ?

À proporção que vão crescendo, estes jovens marginalizados e compelidos a conviverem diariamente com situações de frustrações e rejeições, acabam por encontrar nos sentimentos de ódio e vingança, a única forma de reação possível. É a tradução do “decifra-me ou devoro-te”, na realidade brasileira atual, quando há que definir-se, de maneira dramática e radical, o grande dilema: ou a sociedade conscientiza-se e trata com humanidade seus meninos de rua e lhes dá chances de integração e cidadania, ou eles se voltarão contra ela para devorá-la, consolidando, assim, os sentimentos negativos e as opções pelas diversas formas de violência.

De tal modo exacerbaram-se as desigualdades entre as minorias privilegiadas e as classes subalternas exploradas, que se criou um clima de animosidade e mútua rejeição entre elas. Neste contexto, as contradições sociais atingem níveis insustentáveis. Colhem-se hoje os frutos indesejáveis de muitas décadas de abandono e exploração a que foram submetidas as classes populares. Hoje, desamparadas, desempregadas e entregues à própria sorte, essas famílias acabam por encaminhar cada vez mais cedo seus filhos para a rua, forçando-os a serem absorvidos precocemente pela sub-força de trabalho dos sub-empregos ou a engajarem-se na força bruta das “gangs” marginais.

Outras vezes, embrutecidas pela violência da luta pela sobrevivência, essas famílias tornam-se incapazes de conservar a sua estrutura e uma relação adequada com a prole. Desta inadequação resulta um processo de desagregação familiar, no qual a violência acaba por voltar-se contra os próprios filhos acarretando, muitas vezes, como única saída, a sua expulsão ou fuga de casa.

A sociedade civil e o governo precisam encarar de frente a questão da marginalidade e das injustiças sociais sob pena de, a médio prazo, serem desestabilizados pelas vítimas da sua própria negligência ou impotência, pois é impossível manter indefinidamente tamanhas desigualdades sem o risco da eclosão de graves convulsões sociais.

As constatações deste trabalho são fruto das reflexões e análise sobre uma amostragem de 121 esfinges que estão a exigir a nossa decifração do seu enigma, sob pena de sermos devorados por elas. As conclusões apresentadas, não pretendem ser definitivas, conclusivas e, muito menos, fechar questões, muitas das quais nem sequer ainda foram abertas, a nível dos seus subterrâneos secretos e dos seus meandros tortuosos, onde a sociedade tenta esconder as evidências da sua violência vergonhosa.